



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS :

Através do presente Projeto de Lei estou propondo a instituição, no âmbito do Município de São Paulo, do “Dia do Bairro do Imirim”.

O Imirim, bairro da Zona Norte da Capital, era conhecido até a década de 50 como terra de índios. Os primeiros habitantes costumavam contar que existiam diversas aldeias na região.

Segundo o Arquivo Histórico Municipal, Imirim se origina de duas palavras tupi-guarani - ig e mirim - que juntas significam rio pequeno. A primeira moradora da região era proprietária de uma grande fazenda que abrangia parte das encostas da Serra da Cantareira e se estendia até o rio Jundiáí.

Duas famílias se estabeleceram na área: os Bernardino e os Rocchi, que plantavam aspargo , café, cana e frutas. Em 1905, chegaram ao bairro os padres beneditinos, que fundaram a Capela Nossa Senhora da Glória, atual Igreja Nossa Senhora da Consolata.

Nas décadas 60 e 70, os imigrantes portugueses marcaram presença e trouxeram um pouco de sua cultura. Enquanto o Imirim se desenvolvia, duas pessoas se destacariam pelo trabalho comunitário: Benedito Zeferino Rosalem e o Padre Constantino Dalbesio, cuja atuação foi reconhecida pela Câmara, que o condecorou com o título de Cidadão Paulistano.

Um dos moradores mais antigos da região, o italiano Guido Rocchi, lembra-se de quando o Imirim tinha ruas de terra e grandes fazendas. Seu avô, João Rocchi, foi um dos desbravadores da região, quando ali só havia mato e animais selvagens. O sobrenome da família, adaptado para o português, inspirou a nomenclatura da Vila Roque e de seis ruas do Imirim.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Em 1833, quando os irmãos João e Pelegrino Rocchi compraram o terreno, não havia perspectivas de desenvolvimento para a região. Eles desmataram a área, que seria usada para criar cavalos e burros. “Meu avô usava os animais para transportar carvão até o Mandaqui”, explica o morador. Ele conta que o avô costumava dizer que havia gastado 200 mil réis para comprar as terras e 7 contos de réis para cercá-las.

A criação não deu certo porque todos os animais foram picados por cobras e morreram. O desbravador teve três filhos, que o ajudaram durante muito tempo no plantio de caqui, laranja, cará e mandioca. A produção era vendida nas primeiras feiras livres da região.

O morador guarda com carinho e orgulho uma fotografia tirada em 1928, mostrando as terras de seu avô e imediações. “Olha, aqui ficava o caminho de terra que usávamos para ir buscar lenha com nossa carroça”, conta. “Essa foto é uma relíquia para mim, uma viagem no tempo”, diz emocionado.

O terreno foi dividido com os outros irmãos, que, com o passar dos anos, venderam as suas partes. “Eu também vendi cerca de 40 lotes da minha propriedade, pois o imposto começou a ficar caro demais”.

O bairro passou por mudanças muito rápidas a partir dos anos 60. Citado em todos os documentos antigos como uma área paupérrima, desprovida de qualquer conforto e ainda com algumas aldeias indígenas em seu território, o bairro hoje está totalmente urbanizado e autônomo. Até a década de 70, os moradores ainda precisavam se deslocar até Santana, vizinho mais próspero, para comprar tudo o que era necessário ao cotidiano, desde ferramentas até pães.

Habitado por imigrantes portugueses e italianos, o bairro situado em uma região alta, tinha uma terra de boa qualidade, que se prestava à plantação de café, cana-de-açúcar e frutas. Havia, também, de acordo com os moradores antigos, muitas olarias próximas às margens do córrego que deu



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

nome à área e vacarias. O gado fornecia leite puro à população, que começou a crescer justamente nesse período.

Em 1905, chegaram ao bairro os beneditinos, que construíram, na Chácara dos Padres, de propriedade do Mosteiro de São Bento, a paróquia São Pedro Alcântara, atual Nossa Senhora da Consolata, que atualmente fica no Jardim São Bento, mas no passado a área era parte do Imirim.

Os padres da Igreja da Consolata fundaram a paróquia de Nossa Senhora de Fátima, em 1957. A pedra fundamental do templo, que fica no centro do Imirim, foi colocada em 1948, no mesmo lugar onde havia a capela de Nossa Senhora do Aviso.

Em 1958, a população foi presenteada com uma imagem de madeira de Nossa Senhora Aparecida, cópia da venerada no santuário do Vale do Parnaíba. A imagem, que ainda está na Nossa Senhora de Fátima, foi doada pelo atleta Edgar Jofre, que havia conquistado boa colocação na corrida de São Silvestre de 1957.

Área de muitos eucaliptos e estradinhas de fazenda, o bairro dispunha, em 1935, de somente um ônibus que fazia a ligação com Santana. De acordo com os moradores antigos, o coletivo vivia encalhando na atual Avenida Imirim, que antes era rua, mas já tinha esse nome.

Feito, em rápidas pinceladas, o relato histórico do bairro do Imirim, hoje próspero e onde habita população progressista, creio justificado este Projeto de Lei.